



CIÊNCIA

Astrónomas portuguesas. "Sinto-me a Jodie Foster, de jipe pelo deserto"

Publicado em 18 de Setembro de 2010

São poucas e saem-se melhor lá fora. Maria José Cruz, 35 anos, decide que trabalhos saem na "Science"

A causa feminina na astronomia tem desde o ano passado uma bandeira internacional: o projecto She Is An Astronomer. Na semana passada, as senhoras marcaram um almoço na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa durante o JENAM 2010, um encontro internacional de astronomia. O *i* foi assistir ao convívio - mas a coisa foi despachada, o almoço vinha em sacos de papel e não houve tempo para muita tagarelice. Descobrimos quatro portuguesas lançadas na área. Dizem que se está melhor lá fora e que os homens ainda dominam. Mas acabam por ser prova de que as estatísticas estão a mudar.

Se um quarto dos investigadores ligados à astronomia a nível mundial são mulheres, em Portugal as contas estão menos desequilibradas: são 28 num total de 70 investigadores registados na Sociedade Portuguesa de Astronomia. Mais raro é ficarem no país: das quatro investigadoras que encontramos, duas estão fora e as outras preparam-se para sair.

Em 2005 Catarina Alves de Oliveira, 27 anos, passou 28 noites seguidas sozinha num telescópio a duas horas da Cidade do Cabo, na África do Sul - foi a sua primeira experiência a sério fora de casa depois do Erasmus. Desde então já esteve em destinos de sonho, como o observatório astronómico do deserto de Atacama, no Chile - isto para quem gosta das coisas do céu ou é fã do último James Bond. "É uma aventura. Faz lembrar o "Contacto": sinto-me a Jodie Foster, de jipe pelo deserto", diz.

Não são veteranas, mas começam a dar cartas. Paula Brochado, 29 anos, anda à procura de uma agulha num palheiro com mais de 800 mil imagens de galáxias, e pode estar com sorte: descobriu uma colisão de cinco galáxias, algo que não é assim tão comum nos anais da astronomia. Para Joana Ascenso, 30 anos, o ponto alto foi conseguir observações que deitaram por terra uma das velhas teorias sobre a disposição espacial de estrelas com uma massa maior... e é difícil ser mais específico que isto, brinca. "É uma das barreiras com o público: aquilo que hoje se descobre é mais complicado de explicar do que descobrir que a Terra é redonda." Para Maria José Cruz, 35 anos, a descoberta foi outra: no final do doutoramento em Oxford percebeu que gostava de ciência, mas que não gostava de investigar. Passou por um estágio no gabinete de ciência e tecnologia do Parlamento inglês e agora está, pode dizer-se, noutra cadeira do poder científico. É editora de astronomia e astrofísica na "Science", uma das revistas científicas mais prestigiadas do mundo.

Mundo de homens Portugal não tem sido palco dos principais momentos das suas carreiras. "A situação não é atractiva nem para os portugueses, que gostavam de cá ficar, nem para os estrangeiros que podiam vir para cá", diz Joana.

E para haver um almoço de mulheres, será que a diferença entre sexos ainda se nota muito? "Quanto mais longe se quer ir na carreira, maior é a brecha entre homens e mulheres", diz Paula, tese de doutoramento acabada de entregar no Centro de Astrofísica da Universidade do Porto. Quando Catarina defendeu a tese de doutoramento, na Universidade de Munique, era a única mulher na sala. "É intimidante. Noto que ainda existe algum preconceito", explica a especialista nas pseudoestrelas

